

Sintaxe do Português I

Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes

Bloco 5 – PRINCÍPIO DE INFORMATIVIDADE

Ao longo da trajetória de evolução, a espécie humana reuniu um vasto conhecimento sobre vários campos científicos. Mais recentemente, com o surgimento de ciências mais interdisciplinares, como é o caso da Neurociência, os conhecimentos e as descobertas são mais rapidamente aproveitados e absorvidos em forma de pressupostos teóricos e, depois, os métodos vão sendo criados como forma de aplicações muito mais amplas nas sociedades.

Dessa forma, o *acoplamento estrutural* [experienciamentos que vivenciamos e deles extraímos informações, que se tornam conhecimentos no repertório individual] ou o acoplamento funcional de um objeto a uma causa social ou a uma solução imediata acaba impactando o grande acervo da espécie, alterando a forma de concepção das coisas e mesmo modificando o universo interior, mudando para sempre o que fomos e construindo habilidades e capacidades.

🚦 A evolução dos pets ou a evolução da visão sobre os pets?

Não faz muito tempo, bichos eram tidos como seres sem alma. Eram tratados como objetos. Houve a evolução dessa visão, mas essa evolução não atinge à globalidade da sociedade. Sempre haverá os nichos em que essa visão persistirá. Esse mesmo fenômeno atingiu, há séculos, os índios, que, na visão eurocêntrica dos colonizadores, não tinham alma.

🚦 As áreas mais pobres da cidade detêm um número menor de árvores nas calçadas. A árvore é tida como fonte de oxigênio para uns, é tida como um ser vivo para outros (talvez os mesmos) e é tida como sujeira para outros ainda, que as cortam para evitar que folhas “sujem” suas calçadas.

Toda mudança é gradual e lenta, mas pode ser abrupta em circunstâncias especiais. Por exemplo, o acidente de Brumadinho atingiu a muitos. Os efeitos são abruptos para quem morreu e para quem saiu vivo daquela tragédia. O mesmo sucede com o covid19. Num primeiro impacto, todos se protegeram. Depois, a mente se acostumou com o número alto de mortes. Qual o responsável pela acomodação da mente a essa realidade? O mecanismo da iteração ou da repetição.

O fruto dessa dinâmica de mudança torna-se acessível a uma parte da sociedade, inicialmente os mais envolvidos na situação. Depois, os efeitos podem viralizar na internet. Posteriormente, embora franqueado a todo aquele que acesse ao mundo virtual, somente uma pequena parte desse grupo assume sua responsabilidade de agir para que o conhecimento básico ganhe relevância nessa mesma sociedade.

Considerando que áreas básicas da Ciência são aquelas que alimentam e dão impulso a novas experiências no campo das ciências aplicadas, então podemos dizer convictamente que a Linguística é uma dessas áreas básicas. E como toda área básica, ela representa um enorme potencial de produzir reflexões, de provocar perguntas, de modificar métodos e de expor resultados descritivos de sistemas e subsistemas linguísticos de modo a contribuir com aplicações diversas que atingem desde o campo da Educação até o da Saúde. Na Psicologia e na Psiquiatria, por exemplo, um sem-número de testes aplicados para fechar diagnósticos se servem das descobertas linguísticas. O mesmo é observado em variados

procedimentos de terapias cognitivo-comportamentais, por exemplo, os quais se servem igualmente de estratégias apoiadas nas descobertas do campo da Linguagem.

Nesta aula, convido-os a refletir sobre um dos subsistemas linguísticos – o da gramática – em que a sintaxe figura como centro-motor da comunicação. É notório que os sistemas gramaticais das línguas mudem mais lentamente do que outros, como o pragmático e o lexical.

Em que medida os conhecimentos sintáticos impactam-se pela mudança na concepção dos saberes ao longo dos tempos?

Essa é uma pergunta que nos conduz a perscrutar qual o objeto propício para uma análise sintática efetiva. Para que o objetivo desta reflexão seja cumprido com rigor, responderemos a duas perguntas precisamente:

1. Qual a diferença entre os conceitos de *informação* e de *conhecimento* à luz da Linguística?
2. Qual desses conceitos está na base da unidade de análise no campo da Sintaxe?

Como estratégia para elaborar as respostas para essas questões, travaremos diálogo com algumas linguistas influentes na elaboração desses conceitos, quais sejam, Ângela Kleiman (1997), Teresa Colomer & Anna Camps (2002) e Ingedore Koch (2008). Todas elas se debruçaram sobre o estudo do Texto.

Usamos conhecimentos como unidade de análise na sintaxe?

De acordo com Kleiman (1997), alguns princípios regem o **processamento inferencial automático**:

- a) princípio de economia: evita-se a repetição desnecessária; e
- b) princípio da canonicidade: espera-se que a ordem natural do mundo seja refletida na linguagem.

A **ordem canônica** da sintaxe da oração é SVC/SVO. Essa ordem é conhecida como canônica ou prototípica. O cânone reflete um modelo decisório admitido como o mais indicado por seguir uma frequência de decisões na mesma direção. Essa também é a base para a delineação do que é belo e bonito na concepção da Gramática Normativa.

O **prototípico** vem da ideia de modelo que é copiado, imitado. Na sintaxe funcional, o prototípico funciona como um padrão de uso amplamente aceito e usado.

Paremos para entender a TEORIA DOS PROTÓTIPOS a partir de subsistemas linguísticos diferentes: Lexical, Morfológico, Sintático, Pragmático e Fonético.

Imagine que eu lhe pergunte qual o nome do objeto que se usa na sala de uma casa para se sentar e, a partir dali, assistir à televisão. Algumas possibilidades surgiriam:

Sofá	Divã
Poltrona	Tamborete
Banco	Cadeira de balanço
Cadeira	Puff
Assento	

Funcionalmente, em todos, pode-se sentar para assistir à tevê. Mas há diferenças entre eles, não é? No sofá, cabe mais gente do que numa poltrona. O banco não possui

encosto, diferentemente da cadeira, que não balança, a menos que seja uma cadeira de balanço. Há uma espécie de relação de semelhança familiar entre eles, com poucos traços distintores.

Então, como fez Labov em sua pergunta sobre o “objeto para colocar água, a partir do qual se pode beber”, diríamos se tratar de: um objeto, recipiente + ou menos rígido, + ou - cilíndrico, + ou - transparente, com ou sem alça (copo, caneca, cálice, taça, xícara, chávena). Isso quer dizer que os traços são diferentes em termos de graus, mas tem mesma funcionalidade. Falamos até aqui do subsistema lexical.

Com o subsistema morfológico não é diferente. Dentro de uma mesma classe de palavras, traços distintores revelam a sócio-história de usos de um item. Na classe dos adjetivos, há os transitivos e intransitivos. Isso mesmo! Não somente o verbo admite o critério da transitividade. O adjetivo acompanha o substantivo, modificando-lhe o sentido. Podemos dizer, então, que o adjetivo toma como escopo o substantivo. Sua posição prototípica é após o substantivo.

Ex. 1: a Menina bonita foi embora.

Ex. 2: diversos papeis foram rasgados.

Ex. 3: A menina é fiel ao Corinthians.

Ex. 4: A menina é engraçada.

Os exemplos 1 e 2 são sintaticamente diferentes em termos de colocação: um é anteposto ao substantivo, e o outro, posposto. Quanto à função sintática, ambos são adjuntos adnominais. O exemplo 3 assemelha-se ao exemplo 4 porque ambos os adjetivos são antecidos por verbo de ligação, mas diferem quanto à transitividade: *engraçada* é intransitivo e *fiel*, transitivo. Quanto à função sintática, ambos são predicativos do sujeito.

Vamos entender as regras do **princípio de canonicidade** na organização de textos:

- a) *regra de continuidade temática*: regula os comportamentos automáticos do leitor na busca de ligações no texto;
- b) *regra de linearidade*: reflete a ordem natural sintática (o antecedente precede o pronome, o indefinido passa a ser definido, as causas precedem as consequências);
- c) *regra de não-contradição*: espera-se que as escolhas sejam coerentes, daí o respeito ao princípio da coerência; e
- d) *regra do sequenciamento*: espera-se que as ideias mais relevantes sejam escolhidas para compor a sequência textual, respeitando o princípio de relevância.

Essas regras textuais podem ser adaptadas à sintaxe da oração, pois toda unidade menor atende às regras de convergência da unidade hierarquicamente maior. Vejamos a proposta de Colomer e Camps (2002).

Sistemas de conhecimento necessários para a codificação de intenções

Os conhecimentos sobre o escrito (Colomer & Camps, 2002):

- a) conhecimento sobre a situação comunicativa;
- b) conhecimento sobre o texto escrito em diferentes níveis:
 - ✚ Conhecimentos paralinguísticos: elementos tipográficos, separação de palavras, frases, parágrafos, etc.
 - ✚ Conhecimentos das relações grafofônicas: relação entre letras e sons. Ex. *subsídio* [sub/ss/ídiu] – *sub/z/ídiu*

- ✚ Conhecimentos morfológicos, sintáticos e semânticos: função das unidades no texto
 - ✚ Conhecimentos textuais: regras de construção do texto (tipos textuais) [e gêneros]
- c) conhecimento sobre o mundo (repertório individual): permite aos interlocutores preencherem lacunas de significação e de estrutura.

Sistema de conhecimentos (Kleiman, 1997)

- a) conhecimento linguístico** (pronúncia, vocabulário, regras da língua).
- ✚ memória semântica (conhecimento geral sobre o mundo e as proposições acerca deste);
 - ✚ memória episódica ou experiencial (vivências pessoais, localizadas espaço-temporalmente, sensíveis às variações contextuais).
- b) conhecimento textual** (diferentes tipos de texto e de formas de discurso).
- ✚ narração (marcação temporal, relações de anterioridade e posterioridade, agentes (personagens), cenário, complicação e resolução)
 - ✚ exposição (relações lógicas, premissa e conclusão, problema e solução, tese e evidência, causa e efeito, por meio de analogias, comparação, definição e exemplo).
 - ✚ descrição (particularização do objeto em viés avaliativo e de atitude).

Sistema de conhecimentos (Ingedore Koch, 2008)

- a) conhecimento linguístico: gramática e léxico → organização do material linguístico na superfície textual, pelo uso dos meios coesivos
- b) conhecimento enciclopédico ou de mundo: repertório armazenado na memória de cada indivíduo
- c) conhecimento sociointeracional: ações verbais, formas de interação através da linguagem.
- ✚ conhecimento ilocucional: propósitos do falante, em dada situação de interação (Ex. fazer pergunta sem querer resposta, afirmar para dar ordem, etc.)
 - ✚ conhecimento comunicacional: normas comunicativas gerais, como as máximas de Grice (quantidade de informação necessária numa situação concreta para reconstruir o objetivo do produtor do texto)
 - ✚ conhecimento metacomunicativo: estratégia para evitar perturbações previsíveis na comunicação ou sanar conflitos evidentemente ocorridos, por meio da introdução de sinais de articulação ou apoios textuais (quer dizer, não quero dizer que...)
 - ✚ conhecimento superestrutural: reconhecimento de textos como exemplares de determinado gênero ou tipo.

Conhecimento constitui-se um conjunto de informações.

Conhecimento	Informações
Contorno não delimitado pelo contexto	Contorno delimitado pelo contexto
Baixa atenção / baixa consciência	Média-alta atenção / média-alta consciência
Processo de Recuperação parcial	Recuperação completa (prova: na maioria das vezes)
Perfil amplo justificado com a evolução filogênica.	Perfil restrito justificado com o desenvolvimento e oportunidades durante a ontogênese.
Contorno Pragmático-discursivo	Contorno semântico-sintático
Menos acessível ao outro porque menos manipulável	Mais acessível porque mais manipulável

Nas teorias da construção do texto do século XX (Estilística, Intertextualidade), era comum encontrar a seguinte equação:

- ✚ Texto = relações lógicas (informações novas) + relações de redundância (repetições informativas).

Entre a informação nova e a informação já conhecida, há um vácuo simbolizado pelas informações que estão no texto bem relacionadas às demais informações, no entanto, não alcançamos seu sentido lógico. Entra em campo, então, o processo inferencial. Este mobiliza o repertório que já temos e as condições contextuais para chegar a um sentido possível.

O que é inferência?

- Trata-se de um processo que propicia o preenchimento de uma lacuna na linearidade informativa.

- (a) As crianças compraram **piocotós**.
(a.1) As crianças compraram **piocotós** naquela semana.

Piocotós é uma pseudopalavra usada para pesquisa semântica, mas provoca inferências. No exemplo (a), equivale a qualquer coisa que criança possa comprar. A inferência ocorre por falta de elemento que garanta a interpretação na leitura. Pode-se ou não acertar o sinônimo. Já, no exemplo (a.1), **piocotós** só pode ser um objeto de traços similares (sorvete, picolé, gelinho, etc.) que cause o resfriado nas crianças. Trata-se de interpretação ancorada no sentido da palavra lida. Não é inferência pura.

Inferência	Leitura
- contexto	+ contexto
- texto	+ texto
+ repertório	- repertório

Trabalhando com o Princípio de Informatividade na Linguística

O que é sentença?

Tradição	Sujeito o que fez a ação	+	Predicado o que se declara sobre o sujeito
Estruturalismo	Tema primeira posição	+	Rema segunda posição
Funcionalismo de base estrutural	Tópico	+	Comentário
Funcionalismo de base Sociocognitiva	Feixe de traços compartilhados	+	Informações não compartilhadas

A unidade funcional com que trabalhamos na sintaxe é a informação. Chamamos a esse fato de **Princípio de Informatividade**. Ele permite reconhecer a organização das informações para fins de apreensão da intenção pragmático-discursiva.

Como se manifestam os mecanismos de informatividade?

- elaboramos um cálculo, ao longo da interação, para saber o que o outro já sabe. Essa projeção permite organizar a sentença.
- tomamos como base para esse projeto de fala o mundo externo, o mundo interior e/ou intenção de manipulação.

Círculo Linguístico de Praga:

Como se dá a relação de informações numa sentença: cálculo frequencial (*input*)
Sentença = tema (informação velha) + rema (informação nova)

Na **Linguística Funcionalista**, há a proposta de Prince (1981):

- Cada falante assume em sua emissão que o seu interlocutor conhece, admite ou pode inferir algo particular (sem estar necessariamente pensando nisso).

Para o estudo, precisamos recrutar algumas categorias que nos facilitem a análise sintática a partir do estatuto informacional. Recorremos a Prince (1981):

1. **Referente novo** – aparece pela primeira vez no discurso/texto/conversa e pode vir ancorado em outras informações.
2. **Referente disponível** – está na mente do interlocutor, por ser geralmente um referente único, num dado contexto.
3. **Referente evocado ou velho** – já conhecido textualmente ou presente na situação de fala
4. **Referente inferível** – resultado de um processo de inferência

Esses critérios permitem estudar melhor o sujeito sintático e suas condições de uso. Isso quer dizer que não podemos analisar o sujeito fora do contexto de uso, ou seja, em porções maiores que a sentença.

Referências bibliográficas

- COLOMER, Teresa & CAMPS, Anna. **Ensinar a ler - ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- Givón, Talmy. **Syntax. A functional-typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1990
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor** - aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1997.
- KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Emolduramento pragmático e extensão das significações: âmbitos relevantes para o revestimento semântico. **Revista Polifonia** (UFMT), v.12, 2006, p.129 - 140. Acessível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1074>
- PRINCE, Ellen. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, Peter (ed.) **Radical pragmatics**. New York: Academic Press, 1981.